

## *RUBEM BRAGA, JORNALISTA: O CRONISTA REPÓRTER*

*Gustavo Leite Sobral<sup>1</sup>*

*Juliana Bulhões<sup>2</sup>*

---

**RESUMO:** Rubem Braga (1913-1990) é considerado o maior cronista brasileiro, porém é pouco conhecida a sua faceta como jornalista, profissão que abraçou na adolescência e exerceu por toda vida, atuando em diversos jornais impressos brasileiros. Face a esta lacuna, nos propomos a enfatizar a atuação profissional de Rubem Braga como jornalista a partir de um levantamento de dados oriundo das duas biografias escritas sobre ele (CASTELLO, 2013; CARVALHO, 2007) e de alguns dos seus livros publicados com crônicas e reportagens de guerra.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Journalismo; Biografia; Rubem Braga.*

**ABSTRACT:** Rubem Braga (1913-1990) is considered the most important Brazilian chronicler, but little is explored his facet as journalist profession embraced in adolescence and exercised throughout life working in several Brazilian newspapers. From this gap, we propose to emphasize the professional work of Rubem Braga as a journalist from a data collection coming from the two biographies written about him (CASTELLO, 2013; CARVALHO, 2007) compared to some of his works.

**KEYWORDS:** *Journalism; Biography; Rubem Braga.*

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Mídia (UFRN).

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação (UnB); mestre em Estudos da Mídia (UFRN).

## INTRODUÇÃO

O jornalista Rubem Braga (1913-1990) é considerado pelo cânone literário o maior cronista brasileiro. No entanto, pouco é explorada a sua faceta como jornalista, profissão que abraçou na adolescência e exerceu por toda vida atuando em diversos jornais impressos brasileiros.

O Rubem Braga repórter cedeu espaço à fama que se sobrepôs de ser essencialmente cronista brasileiro. Suas crônicas eram publicadas em toda a rede jornais espalhada pelo Brasil da cadeia dos Diários Associados, o que lhe consagrou. Quando volta da segunda guerra mundial, em 1945, onde fora correspondente do *Diário Carioca*, Rubem Braga já é um cronista com projeção nacional. Sem contar os inúmeros livros que publicou ao longo da vida reunindo crônicas e o livro em que juntou as suas reportagens como correspondente da guerra.

Cronista, repórter, correspondente, Rubem Braga praticou o jornalismo por toda vida. Trabalhou nos principais veículos do país e criou um jornal, duas revistas e duas editoras de livros. Se a crônica abriu as portas para ingressar no jornal mineiro *Diário da Tarde*, a atuação como repórter também o consagrou desde o princípio. Instado pela redação a cobrir uma feira de cães, voltou com um texto tão bom que o convidaram para ser além de cronista: repórter do jornal.

Neste contexto, nos propomos a enfatizar a atuação profissional de Rubem Braga como jornalista a partir de um levantamento de dados oriundo das duas biografias escritas sobre ele, *Na cobertura de Rubem Braga* (CASTELLO, 2013) e *Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar* (CARVALHO, 2007) em confronto com algumas de suas obras (BRAGA, 2002, 2011, 2013a, 2013b, 2014). A proposta metodológica se pauta uso de biografias como fonte de pesquisa e fonte documental, pois acreditamos na viabilidade do uso destas para a construção da história do jornalismo (AUTORES, 2016).

## NO INÍCIO ERA O CRONISTA

Rubem Braga, considerado o maior cronista brasileiro, escreveu mais de quinze mil crônicas em sessenta e dois anos de atividade. Consagrou e popularizou a crônica, que foi o seu ganha pão. Já cronista respeitado, em 1978 assinou contrato com a *Revista Nacional*, encartada nos jornais de domingo e com distribuição de quatrocentos mil

exemplares, para publicação de uma crônica semanal recebendo um salário mínimo por semana (CASTELLO, 2013).

Braga checava tudo para ter a absoluta certeza que não se enganava. Os originais eram sempre escritos, reescritos, corrigidos. O cronista cortava palavras, substituíva, reescrevia frases. Era minucioso e detalhista e conservou como estilo a brevidade. Exterminador de adjetivos, dizia que a crônica deveria se aproximar da conversa fiada, ou seja, parecer despreziosa para arrebatá-lo o leitor. A lição para o exercício da crônica acrescia a necessidade de conhecimento amplo. Castello (2013) conta que Braga lia de tudo. Poesia, biografia, literatura estrangeira, romance policial e até tratados sobre jardinagem. O cronista cultivava um conhecimento enciclopédico.

A crônica nasceu no jornal e para ocupar o espaço da narrativa do cotidiano pela visão pessoal, narrativa e lírica do cronista, que tratou de traçar com os recursos literários disponíveis, portanto, a crônica, tanto na forma, quanto no tema, restou ser um híbrido entre o jornalismo e a literatura no calor da hora da publicação e sobrou para o futuro como um registro autobiográfico, memorialístico e histórico de um tempo.

Estes e outros aspectos biográficos podem ser coletados em suas crônicas. Foram consultadas a reunião das crônicas publicadas em seus livros, a coletânea *200 crônicas escolhidas* (BRAGA, 2013a); a edição conjunta do primeiro e segundo livro de crônicas reunidas em *O conde e o passarinho e Morro do Isolamento* (BRAGA, 2002); os perfis e reportagens enviados ao jornal *Correio da Manhã* na temporada parisiense, seleta reunida em *Retratos parisienses* (BRAGA, 2013b) correspondente aos anos de 1949 e 1952; e as reportagens de guerra reunidas em *Crônicas da guerra na Itália* (BRAGA, 2014).

O que se percebe na leitura das crônicas é que Rubem Braga propunha-se a ser confessional no seu texto escrito e nele podemos extrair trechos que discorrem sobre a sua atuação profissional nos jornais impressos brasileiros. Também se pode extrair das biografias escritas por Castello (2013) e Carvalho (2007) aspectos relacionados à atuação de Rubem Braga como jornalista, sobretudo, o repórter em ação e a sua passagem pela imprensa, uma história profissional que começa aos quinze anos colaborando para o jornal *Correio de Sul*, de sua cidade natal, Cachoeiro de Itapemirim, Minas Gerais, de onde saiu para ocupar outros postos nas redações do *Diário da Tarde*, também um jornal mineiro, sediado em Belo Horizonte, e parte integrante da cadeia de jornais Diários Associados do jornalista Assis Chateaubriand.

## O CRONISTA REPÓRTER

A crônica é um trabalho de registro da memória que no hoje permite uma releitura do passado. Nas crônicas se observa a presença do cronista como narrador da sua própria história, seja apenas descrevendo, seja a própria visão do cronista contemplando a vida, ou quando narra um acontecimento presenciado. A Rubem Braga se atribui a forma lírica, casual, a leveza e a brevidade que a crônica adquiriu nos jornais brasileiros. Rubem Braga a instituiu espaço também para as confissões e declarações pessoais do cronista.

De suas crônicas também se podem extrair dados relativos à rotina do jornalista: “é quando passo a tarde toda trabalhando, e depois ainda trabalho até meia noite na redação. Estou fatigado, mas não me agrada dormir” (BRAGA, 2013a, p. 72). E notícias do seu cotidiano: “os americanos, através do radar, entraram em contato com a lua, o que não deixa de ser emocionante. Mas o fato mais importante da semana aconteceu com o meu pé de milho” (BRAGA, 2013a, p. 85).

Sua inscrição profissional aparece no meio de uma crônica, *Sobre o inferno de julho*, de 1948: “mas o jornalista profissional Rubem Braga, filho de Francisco de Carvalho Braga, carteira 10836, série 32º registrada sob o número 785, Livro II, fls. 193...” (BRAGA, 2013a, p. 151); em depoimento: “1929-1930 foi uma das fases mais dolorosas de minha vida; perdi duas pessoas muito queridas e minha saúde foi abalada (...)” (BRAGA, 2013a, p. 304); e em uma confissão de plágio:

Aconteceu em São Paulo, por volta de 1933, ou 4. Eu fazia crônicas diárias no Diário de São Paulo e além disso era encarregado de reportagens e serviços de redação; ainda tinha uns bicos por fora. Fundou-se naquela ocasião um semanário humorístico. O Interventor, que depois haveria de se chamar O Governador. Seu dono era Laio Martins, excelente homem de cabelos brancos e sorriso claro, boêmio e muito amigo. Pediu-me colaboração; o que podia pagar era muito pouco, mas eu não queria faltar ao amigo. Escrevi algumas crônicas assinadas. Depois comecei a falhar muito, e como Laio reclamasse inventei um pretexto para não escrever. Seu jornal era excessivamente político (perrepista, se bem me lembro) e eu não queria tomar partido, na política paulista, mesmo porque tinha muitos amigos anti-perrepistas. Laio não se conformou: “Então ponha um pseudônimo!” Prometi de pedra e cal, mas não cumpri. Laio reclamou novamente, me deu prazo certo para lhe entregar a crônica. No dia marcado estava atarefadíssimo, e quando veio, e quando veio o contínuo buscar a crônica para O Interventor eu cocei a cabeça – e tive uma ideia. Acabara de ler uma crônica de Carlos Drummond de Andrade no Minas Gerais, órgão oficial de Minas, com um pseudônimo – algo assim como Antônio João ou João Antônio, ou Manuel Antônio, não me lembro mais; ponhamos Antônio João. Botei papel na máquina, copiei a crônica rapidamente e lasquei o mesmo pseudônimo. Dias depois recebi o dinheiro da colaboração, juntamente com o pedido urgente de outra crônica e um recado entusiasmado de Laio: a primeira estava

esplêndida! Daí para a frente encarreguei um menino da portaria, que estava aprendendo a escrever à máquina, de bater a crônica de Drummond para mim; eu apenas revia, para substituir ou riscar alguma referência a qualquer coisa de Minas. Pregada a mentira e praticado o crime, o remédio é perseverar nesse rumo hediondo; se às vezes senti remorso, eu o afogava em chope no bar do alemão ao lado, e o pagava (o chope) com o próprio dinheiro do vale do Antônio João. O remorso não era, na verdade, muito: Carlos não sabia de nada, e o que eu fazia não era propriamente um plágio, porque nem usava matéria assinada por ele, nem punha o meu nome em trabalho dele. E Laio Martins sorria feliz, comentando com meu colega de redação: “O Rubem não quer assinar, mas que importa? Seu estilo é inconfundível!” O estilo era inconfundível e o chope era bem tirado; mas você pode ter certeza, Carlos Drummond de Andrade, que muitas vezes eu o bebi à sua saúde, ou melhor, à saúde do Antônio João, isto é, à nossa. Dos vinte e cinco mil-réis que Laio me pagava, eu dava cinco para o menino que batia à máquina; era muito dinheiro para um menino naquele tempo, e isso fazia o menino feliz. Enfim, lá em São Paulo, todos éramos felizes graças ao seu trabalho. Laio, o menino, os leitores e eu – e você em Minas não era infeliz. Não creio que possa haver um crime mais perfeito (BRAGA, 2013a, p. 441-442).

Castello (2013) expõe Rubem Braga como uma espécie de jardineiro poético que escrevia crônicas como quem cultivava rosas. Ao mesmo tempo expõe o temperamento irascível e a contribuição para o jornalismo de Rubem Braga como cronista. A biografia, ao que parece, tomou por base a leitura de toda a produção em crônica de Rubem Braga e entrevistas a amigos que conviveram com o Urso (como era chamado). O biógrafo lamenta que algumas das possíveis fontes que poderiam elucidar outras questões já terem falecido e também lamenta outras que não quiseram colaborar.

O livro começa com uma explicação do autor para a forma inusual com que se permitiu escrever a biografia, segue para um capítulo em que se entrega a uma reconstrução literária de uma cena na cobertura (o capítulo “O urso no convés”). Então desfilam em espécie de verbetes os temas que elucidam aspectos biográficos de Rubem Braga, também escolhidos a partir dos temas mais recorrentes.

A biografia escrita por Castello (2013) sobre Rubem Braga se apresenta como uma biografia não convencional. O título remete à cobertura do cronista no Rio de Janeiro, onde viveu boa parte da sua vida, e onde construiu uma espécie de sítio aéreo. Explica-se: o cronista habitava a cobertura do edifício Barão de Gravatá, em Ipanema, na praça General Osório. Ali nos metros quadrados da cobertura se construiu uma fazenda, um sítio, um jardim, que, além de árvores, pomar e horta, recebia a visita de passarinhos.

Para expor a vertente jornalística de Rubem Braga e contar a sua passagem por jornais e revistas, o biógrafo dedica um verbete especial que não receberia outra entrada que não pura e simplesmente “jornalismo”; esta entrada, em se tratando de observar os

aspectos da vida profissional de Braga, se torna fonte para conhecer o pensamento e a trajetória do jornalista Rubem Braga.

Jornalismo é um dos verbetes da biografia escrita por Castello (2013) e nele consta um breve resumo da trajetória de Rubem Braga pela imprensa. É a este capítulo que vamos nos deter para observar os fatos elencados por Castello (2013), o qual iremos confrontar com os episódios narrados por Moraes (1994) acerca de Rubem Braga na biografia *Chatô, o rei do Brasil*, em que se podem encontrar aspectos relacionados à passagem de Rubem Braga pelos jornais dos Diários Associados.

Castello (2013), em seu texto, recupera um Rubem Braga que considerava a sua relação com a imprensa conflituosa. Braga começou nos jornais em 1928, escrevendo crônicas para o *Correio do Sul*, jornal de sua cidade, Cachoeiro de Itapemirim, Minas Gerais. No ano seguinte, ingressa no curso de Direito, no Rio de Janeiro; em 1932 está em Belo Horizonte trabalhando no *Diário da Tarde*, quando começa a atuar definitivamente como repórter, escalado para cobrir uma exposição sobre cães de raça. Em 1934 já está em São Paulo e procura o diretor dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, para pedir emprego. É contratado para trabalhar no *Diário de S. Paulo*; depois vai para o *Diário da Noite* e passa a publicar crônicas em *O Jornal*, no Rio de Janeiro.

Rubem Braga aparece na biografia de Assis Chateaubriand como repórter do jornal *Estado de Minas*, que pertencia à cadeia Diários Associados: “[Assis Chateaubriand] ligou para Belo Horizonte dando ordens para que fosse mandado para a frente sul, na boca do túnel situado na cidade de Passa Quatro, o repórter Rubem Braga, do *Estado de Minas*, cujo texto cuidadoso e cheio de estilo ele já elogiara publicamente algumas vezes” (MORAIS, 1994, p. 283).

Acredita-se que os fatos vivenciados por Rubem Braga e a sua relação com Assis Chateaubriand tenham sido narrados pelo próprio Rubem ao biógrafo de Chatô, Fernando de Moraes, pois Braga figura na lista dos entrevistados. Rubem Braga é retratado por Moraes (1994) como um jornalista provocador. Anteriormente, ainda no tempo em que trabalha no *Diário da Tarde* de Belo Horizonte, Braga havia escrito um artigo que foi considerado pela Igreja desrespeitoso. Chateaubriand conseguiu, na ocasião, contornar. O mesmo motivo levaria à sua saída dos Diários Associados.

O crítico Alceu de Amoroso Lima pediu ao jornalista Assis Chateaubriand a demissão do repórter, história que está narrada nos seus pormenores na biografia de Assis Chateaubriand. Braga havia escrito mais uma vez um texto criticando a Igreja.

Alceu Amoroso Lima comunicou que, se Braga não fosse demitido, ele retiraria a sua coluna de *O Jornal*. Morais (1994) relata:

– Seu Braga [fala de Assis Chateaubriand], o senhor está querendo arruinar o meu jornal, Como é que o senhor escreve uma crônica completamente idiota como essa?

Tranquilo, Braga ainda tentou se defender:

– Mas Doutor Assis, o senhor é o dono do jornal, pode ler antes de publicar tudo o que eu escrevo. E pode cortar o que não gostar...

Preocupado com a ameaça de Alceu Amoroso Lima, Chateaubriand estava particularmente mal-educado:

– Eu lá tenho tempo de ler porcaria? (...)

Mal-humorado com aquela arenga toda, Rubem perdeu a paciência, saiu da sala de Chateaubriand batendo a portas e pediu demissão. Dario de Almeida Magalhães ainda tentou demovê-lo da ideia, sugerindo que mudasse apenas de órgão, permanecendo nos Associados, com um argumento irrefutável:

– você é louco de brigar com o Chateaubriand, Braga. Jornalista brasileiro não pode viver aqui se brigar com o Chateaubriand. Ou muda de profissão ou muda de país. Braga estava decidido:

– De profissão eu não posso mudar, que não sei fazer outra coisa. Do país também não posso sair, porque não tenho dinheiro. E, como eu já estava cheio de Chateaubriand, vou me mudar de estado. Vou para Recife, fazer o jornal da ANL.

Ao decidir deixar dois dos principais jornais do país para dirigir o desconhecido Folha do Povo, da seção pernambucana da Aliança Nacional Libertadora, Rubem Braga queria também sentir o gostinho de trabalhar para uma organização política que vinha sendo combatida com ferocidade por Chateaubriand (MORAIS, 1994, p. 355-356).

Em 1935 deixou os Diários Associados devido ao caso Alceu Amoroso Lima, foi para a *Folha do Povo*, jornal recifense de apoio à ANL, e mandava colaboração para o jornal satírico *A Manhã*, de Apparício Torelly, o Barão de Itararé. Uma delas foi uma resposta ao artigo de Chatô que criticava a ANL e o comunismo; referiu-se a Chatô como “Chateaubriand, o Nauseabundo”. Assim, Rubem Braga foi o primeiro a enfrentar Chateaubriand, enviando um artigo a ser publicado em *A Manhã*:

Conhecendo os humores do ex-patrão, tratou-o todo o tempo pelo apelido que Prestes, do exílio em que se encontrava, pusera no dono dos Associados: ‘Chateaubriand, o Nauseabundo’. Ao ler o texto no pasquim humorístico, o jornalista espumava dentro da redação de *O Jornal*: – Eu sempre disse que esse filho da puta [Rubem Braga] era comunista! É assim que ele me agradece as incontáveis vezes que tirei dinheiro do meu bolso para ele curar suas gonorreias! (MORAIS, 1994, p. 359).

No *Diário de Pernambuco*, o repórter Rubem Braga assumiu a página policial e resolveu noticiar um suicídio. Episódios como este revelam não só como funcionava a

contratação e demissão nos jornais no tempo de Braga, como também o anedotário que cerca a vida dos grandes repórteres:

O centenário jornal pernambucano estampa então, pela primeira vez em sua história, a notícia de um suicídio – tema absolutamente proscrito até ali. ‘Quem era afinal esse suicida?’, um amigo, muitos anos depois, quer saber. ‘Bem, eu não podia publicar qualquer suicídio’, responde. ‘Esperei, então, aparecer um suicídio mais bonitinho’. Entre dezenas de suicídios de miseráveis, Braga simplesmente esperou que uma linha louca se matasse para publicar a notícia pioneira (CASTELLO, 2013, p. 99).

A história de Rubem Braga narrada por Carvalho (2007) passa por jornais e revistas. Tem capítulos na *Folha do Povo*, jornal do qual Braga foi um dos fundadores, em 1935; no jornal *A Manhã*; na revista *Diretrizes*; no *Diário Carioca*, no qual realizou cobertura da segunda guerra no *front*, na Itália; no *Correio da Manhã*, em que foi correspondente em Paris, nos anos 1950; e no jornal *O Comício*, do qual pertenceu à editoria junto com o jornalista Joel Silveira. Depois disso, firmou-se definitivamente como cronista colaborando com revistas e jornais, como *Manchete* e *O Estado de S. Paulo*.

Rubem Braga descobriu o que era trabalhar diretamente na redação de um jornal quando foi para o *Diário da Tarde*: “o que jamais tinha feito, apesar de publicar seus textos havia quatro anos no jornal cachoeirense” (CARVALHO, 2007, p. 164). E assim foi a estreia:

Como teste, pediram ao novo repórter a cobertura da mil vezes sem importância exposição de cães de Belo Horizonte (...). Muitos estavam certos que ele desistiria do cargo ali mesmo. Não desistiu. Voltou e produziu uma pilha de papéis cheios de rabiscos e borrões, como relembra ainda Prates: ‘Passamos as tiras a Guilhermino César, redator-chefe que, por sua vez, achando aquelas tiras pouco convidativas, passou-as a Otávio Xavier, secretário de redação, que, mal-humorado, começou a examinar a reportagem – enquanto o autor espiava de longe, indiferente. Pouco depois, o secretário de redação chamava o redator-chefe, os dois leram a reportagem com muita atenção, trocaram impressões e foram juntos à mesa do diretor: – Está nascendo um sujeito novo no jornal, no Brasil. Escreve diferente de todo mundo e escreve muito bem. Vai longe este rapaz’” (CARVALHO, 2007, p. 164).

Carvalho (2007) propõe uma biografia convencional, percorrendo ano a ano a vida de Rubem Braga, resgatando a ascendência portuguesa, a infância na cidade natal, a adolescência no Rio de Janeiro, a atuação como correspondente no exterior. Foi preciso, aponta Carvalho (2007), realizar duzentos e setenta entrevistas com pessoas que

conviveram com o biografado, consultar seus documentos, inclusive os arquivos inéditos do jornal *Cruzeiro do Sul*, em que tudo começou, entre outros documentos pertinentes para recompor a trajetória de Rubem Braga do qual se pode conhecer a sua atuação não só como cronista, mas também os episódios de sua vida relacionados à sua atividade como repórter.

Em 1932 estava como cronista e repórter do *Diário da Tarde* e cronista do *Estado de Minas*. O trabalho era árduo: “trabalhava que nem um cachorro”, fazendo reportagem política. Trabalho fatigante e inútil. Escorava todos os políticos disponíveis e fazia todas as perguntas imagináveis. No fim de duas, três horas de amolação, saía correndo para o jornal. E a censura proibia que o texto fosse publicado” (CARVALHO, 2007, p. 174).

Neste período, é convocado para cobrir a Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo, como correspondente. Cobriu o enfrentamento entre as forças legalistas e paulistas; tinha dezenove anos e foi preso pelos revolucionários. Foi a primeira prisão, pois outras viriam. Opositor do regime ditatorial implantado pelo presidente Getúlio Vargas (1932-1945), Rubem Braga será alvo de perseguição e censura. Neste mesmo período começa a traçar a sua carreira de cronista referindo-se a si mesmo como “o velho Braga”. E a desfilar em suas crônicas aspectos autobiográficos ao narrar cenas do cotidiano.

A transferência para São Paulo se dá em razão de um polêmico artigo publicado sobre Nossa Senhora de Lourdes que ofendeu a igreja católica. Braga era ateu e para evitar problemas com a igreja mineira o patrão, Assis Chateaubriand, opta pela sua transferência.

Braga vai trabalhar para o *Diário de S. Paulo*. Era o ano de 1933. É quando as suas crônicas passam a ser republicadas pelos jornais dos Diários Associados, o que o torna conhecido na imprensa brasileira. Em 1934 já era visto no Rio de Janeiro como repórter de *O Jornal* e cronista do *Diário do Norte*, ambos jornais cariocas: “Quando um automóvel vai de encontro a um poste, ou um camelô vende um sabonete, eu sou aquele que vai passando e para um momento, e não tem nada com nada e vai embora’ (...) o homem em que ninguém repara e repara em tudo” (CARVALHO, 2007, p. 194).

Rubem Braga se firma como “o repórter diário que deve ouvir depoimentos políticos, fazer reportagens sobre temas banais, traduzir telegramas maçantes” (CARVALHO, 2007, p. 196), o que o aborrecia um pouco, embora fosse deste cotidiano que também retirava a matéria de suas crônicas. E dizia ser jornalista.

No prefácio do seu livro *O conde e o passarinho*, suprimido nas edições subsequentes do livro, ele confessaria que vivia das suas crônicas, e que era jornalista: “sou jornalista, o que quer dizer: nem um literato nem um homem de ação. Escolhi eu mesmo a minha profissão; não me queixo” (CARVALHO, 2007, p. 240), para mais adiante declarar que escrevia as suas crônicas na mesa de redação “entre um telegrama a traduzir e uma reportagem a fazer. Raramente na minha vida escrevi alguma coisa que não fosse publicada no dia seguinte” (CARVALHO, 2007, p. 240).

No mesmo ano, em Recife, repórter do *Diário de Pernambuco*, escreve algumas de suas crônicas mais importantes: *O conde e o passarinho* e *O luto da família Silva*. Funda um jornal, *A Folha do Povo*, sofre perseguições e prisões. De volta ao Rio de Janeiro, vai se hospedar no jornal *A Manhã*, assinando com pseudônimo em razão da perseguição política.

Em 1936 está na *Folha de Minas*, em Belo Horizonte, e editando a revista mensal *Problemas*, sobre cultura e política. Em 1938, perseguido político do Estado Novo implantado por Getúlio Vargas, deixa o jornalismo, por pouco tempo, para trabalhar com anúncios publicitários para a agência Inter-Americana e com comércio representando uma joalheria mineira.

Volta aos jornais escrevendo com pseudônimo e participa dos primeiros números da revista *Diretrizes* em companhia do jornalista Samuel Wainer. Foram tempos difíceis para o jornalista, que procurou uma nova alternativa e foi para Porto Alegre em 1939 para escrever para o *Correio do Povo*, conservando uma crônica diária na *Folha da Tarde*.

No ano seguinte já está no *Estado de S. Paulo*, em São Paulo, e em 1943 passa a escrever reportagens para o *Diário Carioca*, além de crônicas com ilustrações. O título da coluna era *Ordem do Dia* e ocuparia o espaço até junho, quando começa a se preparar para a cobertura da FEB na Itália.

Em 1944 embarca para Itália como correspondente do *Diário Carioca*, tinha 31 anos e ia cobrir a segunda guerra. Carvalho (2007) esclarece que foi preciso que o proprietário do *Diário Carioca* pressionasse o governo para permitir a ida de Rubem Braga para o *front* de guerra. O governo Vargas não queria jornalistas independentes cobrindo a guerra. E não foi esta a única dificuldade a ser vencida.

Carvalho (2007) conta que o correspondente dependia da via aérea para enviar as suas matérias, o que determinou de alguma maneira a forma como Rubem Braga

escreveria seus relatos, também alvo da censura que imperava até na correspondência privada dos combatentes.

O texto de Braga era o único que tinha sobretítulo, título, subtítulo, destaque dos principais tópicos e identificação do autor e sua função. Os textos do correspondente tinham a marca do jornalismo: frases curtas e diretas, discurso indireto, descrições; o jornal classificava o texto de reportagem e chamava Braga de cronista (SANTOS, 2001).

As crônicas-reportagens começam no navio em setembro de 1944 e vão até o fim da guerra, em abril de 1945. “Rubem escreveu uma longa reportagem de 21 páginas, em cinco vias, à luz de velas, sobre esse ataque, minuto a minuto. A censura militar, na Itália, não encontrou problemas; a censura do DIP, no Rio, proibiu a publicação” (CARVALHO, 2007, p. 24).

No prefácio do livro em que reuniu as crônicas de guerra (BRAGA, 2014) ele relatou as dificuldades enfrentadas como correspondente e a censura que imperava nos jornais brasileiros:

O sonho durou pouco. Para começar, não me foi permitido seguir para Itália no 1º Escalão. Quando afinal cheguei (e cheguei lá porque sou um homem teimoso), havia, contra os correspondentes, um ambiente de desconfiança e mesmo de má vontade que prejudicava muito o nosso trabalho. Isso melhorou com o tempo, mas os jornalistas acreditados junto à divisão brasileira nunca tiveram as mesmas facilidades de informação e de transporte que havia em outras unidades aliadas. Tivemos, além disso, até certa altura da campanha, o peso de três censuras (BRAGA, 2014, p. 11).

As crônicas de guerra se revelam reportagens. Braga anota a experiência dos dias lentos e quentes na viagem de navio até a Europa e reporta histórias vividas no *front* pelos pracinhas, episódios de bombardeio, metralhadoras cacarejando, as minas, a escassez de comida que assolava a população italiana, relatos sofridos e dramáticos da guerra, como a história do sobrevivente João Santana e da menina Silvana.

Braga se vestia da figura de correspondente na função de repórter; diversas vezes faz referência nas crônicas a esta condição de repórter: “o repórter que não tem notícias do mundo...” (BRAGA, 2014, p. 52); “eis aí alguns motivos por que um observador estranho como repórter...” (BRAGA, 2014, p. 142); “outro dia eu estava na estrada à procura de uma reportagem...” (BRAGA, 2014, p. 144).

Também adota os procedimentos da reportagem, afirmando de alguma forma que se o fez na guerra, é reportagem: “esta reportagem não é, porém, baseada nas

informações das autoridades aliadas. Eu a fiz pessoalmente, e gastei um dia visitando lugares e conversando com as pessoas" (BRAGA, 2014, p. 278), além da sua prática de apuração dos fatos: "eu poderia ter ouvido mais pessoas, mas todos os depoimentos coincidem. Detalhes precisos da chacina, ninguém poderá contar, a não ser os que a praticaram" (BRAGA, 2014, p. 287).

Menciona o seu *locus* de correspondente: "o teco-teco merece a ternura dos correspondentes..." (BRAGA, 2014, p. 60); "manhã fria, chuva insistente e a estrada de serra entupida de cerração – e isso para os correspondentes quer dizer bom tempo para passear" (BRAGA, 2014, p. 63). A censura também está declarada nas crônicas; o repórter avisa que não falará sobre o caso pois bem crê que a censura vai atuar: "a metade do que ele me disse e do que se apurou a seu respeito eu não contarei, de medo que a censura corte..." (BRAGA, 2014, p. 69).

Na volta, passa a colaborar com *A Manhã* e em 1947 é enviado a Paris como correspondente de *O Globo*, de onde enviaria crônicas para publicação. Já no Brasil, em 1952, lança a revista *Comício* e começa a colaborar como cronista na revista *Manchete*. Neste período é apelidado pelo cronista Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, de "o sabiá da crônica".

Já era o cronista mais popular e lido do Brasil, com livros publicados. Em 1955 viaja ao Chile como diplomata, se afasta do jornalismo diário e deixa de enviar suas crônicas para o *Correio da Manhã* e para a *Manchete*. Segue na carreira diplomática até 1963, quando se desliga do serviço.

É neste período de afastamento que tem a carteira de jornalista suspensa pela Associação de Imprensa, porque havia meses que não pagava a mensalidade. "Ficou tão chateado com essa decisão que preferiu se afastar da agremiação. 'Não quero mais', disse ao secretário Edson. Para o jornalista e embaixador, era sabido que ele não estava no Brasil, e que pagaria o que devia assim que retornasse" (CARVALHO, 2007, p. 438).

Rubem Braga, ao que parece, deixou o jornalismo diário como repórter quando seguiu para as atividades diplomáticas no Marrocos. No entanto, ainda colaboraria com a imprensa como cronista. O rompimento com a revista *Manchete* é resultado de um episódio narrado por Carvalho (2007) que o biógrafo considera pouco provável: em um restaurante da cidade, Rubem Braga encontra com o *publisher* da revista, Adolpho Block, que o saúda de "o maior cronista do Brasil", ao que Braga retruca, dizendo que o maior cronista recebia uma ninharia pela colaboração.

Em 1964 Rubem Braga começa a escrever crônicas para o *Jornal do Brasil*; em 1975 colabora com a TV Globo produzindo comentários para o *Jornal Hoje*. “O emprego é bom, o salário acima do que estava acostumado a receber, não tem sequer necessidade de ir à Globo” (CARVALHO, 2007, p. 522). Em 1978, passa a ser cronista da *Revista Nacional*, colabora com as revistas *Visão* e *Veja* e assume uma coluna em *O Estado de S. Paulo*.

Declarações reafirmam o seu pendore para o jornalismo impresso, seja como repórter, seja como cronista, atividades às quais, haja visto, se dedicou a vida toda e na qual se consagrou, enfrentando o dia-a-dia apesar dos pesares da atividade:

Nossa profissão é dura, exige muita dedicação, batente integral anos a fio e não há compensação financeira. (...) Fiquei preguiçoso depois de mais de 40 anos dando um duro tremendo. Já pensou o que é ter passado tantos anos da vida trabalhando em Belo Horizonte, entrevistando cada sujeito bisonho para, como me diziam, ‘cobrir o pensamento político mineiro’? Que pensamento? Não havia pensamento algum, cansei de botar ideias inteligentes na boca daqueles políticos (BRAGA, 2011, p. 42).

Até a morte será essencialmente cronista: “sempre fui apenas jornalista... Escrever para mim sempre foi uma coisa ligada ao jornal, não me lembro de ter escrito nada que não fosse para ser publicado no dia seguinte ou na semana seguinte” (FRANCHETTI; PECORA, 1980, p.75).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, Rubem. *200 crônicas não escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2013a.

BRAGA, Rubem. *Cadernos de Literatura Brasileira*. v. 26. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2011.

BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

BRAGA, Rubem. *O conde e o passarinho*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

BRAGA, Rubem. *Retratos parisienses: 31 crônicas (1949-1952)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013b.

CARVALHO, Marco Antônio de. *Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar*. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

CASTELLO, José. *Na cobertura de Rubem Braga*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

FRANCHETTI, Paulo; PECORA, Alcir. *Rubem Braga: literatura comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SANTOS, Ricardo Luis Meirelles dos. *A desordem dos dias: Rubem Braga e a Segunda Guerra*. (Dissertação de mestrado) Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 2001.